

DE JÂNIO QUADROS A LUIZA ERUNDINA: UMA HISTÓRIA DA PROIBIÇÃO E DO INCENTIVO AO SKATE NA CIDADE DE SÃO PAULO

LEONARDO BRANDÃO*

RESUMO

Entre o final da década de 1980 e o início da década de 1990, a prática do skate conheceu diferentes modos de tratamento junto ao poder executivo da cidade de São Paulo. Num primeiro momento, na gestão de Jânio Quadros, o skate foi proibido por toda a cidade; já com a prefeita Luiza Erundina, ele foi legalizado e visto como um esporte em ascensão. Este artigo tem por objetivo discorrer sobre esses diferentes modos de representação e suas consequências para o desenvolvimento dessa atividade como um esporte na cidade de São Paulo.

PALAVRAS-CHAVE: Esporte. Política. Skate.

ABSTRACT

Between the late 1980s and early 1990s, the practice of skateboarding met different modes of treatment with the executive power of the city of São Paulo. Initially, management Jânio Quadros, skateboarding was prohibited throughout the city, already the mayor Luiza Erundina, it was legalized and seen as a sport on the rise. This article aims to discuss these different modes of representation and their consequences for the development of this activity as a sport in the city of São Paulo.

KEYWORDS: Sport. Politics. Skateboard.

Introdução

Em cada canto de São Paulo ouvem-se os ruídos do *street skate*. Hoje, tentam silenciá-lo. Mas não está fácil. Segurar a energia dos paulistanos não é mole. E eles fazem da cidade sua própria pista.¹

Dentre as atividade atualmente intituladas como “esportes radicais”, o skate é considerado a de maior visibilidade nos meios de comunicação.² Nos Estados Unidos da América, por exemplo, país que deu origem a esta prática, um estudo divulgado pela *National Sporting Goods Association* (NSGA)³ apontou que houve um aumento de 74% no número de praticantes de skate de 1998 para 2007. No Brasil, de acordo com os dados da última pesquisa do *Instituto Datafolha*, realizada no ano de 2010, existem mais de três milhões e oitocentos e sessenta mil skatistas em todo o território nacional.⁴ Sem dúvida, essa expressividade numérica corresponde ao fato do Brasil ser, numa escala mundial, o segundo maior produtor de pranchas (*shape*), rodas e demais acessórios relativos ao skatismo.⁵ Essa pulsante presença social e mercadológica pode ser verificável tanto por sua constante exibição nos meios de comunicação de massa quanto através de uma variada gama de publicações especializadas nesta atividade.

De origem californiana, a prática do skate foi introduzida e começou a se desenvolver no Brasil no final da década de 1960, ganhando maior popularidade durante a segunda metade da década seguinte. No início, os skatistas apenas deslizavam pelas ruas e calçadas imitando as manobras que os surfistas realizavam nas ondas do mar, sendo o skate mais conhecido pelo nome de “surfe de asfalto” e “surfinho”.⁶ Entretanto, a partir do ano de 1977, teve início a inserção dessa atividade num processo de esportivização, passando a existir em torno dessa prática um mercado, publicações especializadas (como as revistas *Esquite*, *Brasil Skate* e *Jornal do Skate*), pistas, equipamentos de

proteção, campeonatos, equipes, treinadores, marcas e empresas interessadas em sua promoção e profissionalização.⁷

Durante a década de 1980 esse processo de esportivização avançou, surgiram outras publicações específicas sobre skate (como as revistas *Overall*, *Yeab!*, *Skatin'* e *Vital Skate*) e os campeonatos tomaram uma maior dimensão no que diz respeito ao público, organização e quantidade de competidores. Segundo a jornalista Cecília Moisés Gonçalves, “de 1985 pra frente, o skate lotava os estádios e as equipes profissionais eram fortíssimas, tanto estrangeiras quanto nacionais”.⁸ Além disso, a prática do skate começou a ser veiculada na televisão, como no programa *Vitória*, exibido no final de 1986 pela *TV Cultura* e no programa *Grito da Rua*, exibido entre os anos de 1987 e 1988 pela *TV Gazeta*.⁹

Mas se o surgimento das pistas de skate, dos campeonatos e das equipes profissionais conduziram o skate nos trilhos do esporte, o surgimento - até certo ponto inusitado - de uma nova forma de praticá-lo durante a segunda metade da década de 1980 o fez seguir um caminho, senão oposto, ao menos bastante diverso do que comumente se concebe como sendo uma prática esportiva. Trata-se da invenção do *street skate* - ou skate de rua - o qual engendrou nesta atividade formas de apropriação e interpretação do espaço urbano que, parafraseando uma rica expressão do historiador Roy Porter, conferiu à modalidade uma espécie de “cultura corporal anárquica”.¹⁰

O *street skate*, como o próprio nome revela, passou a configurar a prática dessa atividade não em pistas específicas, mas sim nas ruas, praças e diversos outros espaços das grandes e médias cidades brasileiras. No entanto, diferentemente do “surfinho” existente no final da década de 1960, os praticantes de *street skate* passaram a utilizar, para além das ruas pavimentadas, espaços públicos como praças, bancos, escadas e

corrimãos para realizar o que chamavam de “manobras”, numa apropriação do espaço que carregava algum tom de transgressão.

Essa prática do skate na rua também engendrou novas formas discursivas nas revistas especializadas. Paralelamente ao vocabulário esportivo, o qual enfatizava competições e seus resultados, as revistas específicas sobre skate passaram a incentivar seu uso na cidade, como uma espécie de conquista do espaço urbano.

Durante a década de 1980, muitos skatistas começaram a praticar manobras em locais como escadas, guias e demais aparelhos urbanos. Segundo reportagem publicada pela revista *Veja* nessa época, a prática do *street skate* seduziu um grande número de jovens. Embora esta edição da revista não especifique o órgão que realizou a pesquisa, ela estimou, em 1987, o número de 1 milhão de skatistas de rua no Brasil.¹¹

Com a emergência do *street* os discursos veiculados nas revistas de skate já não se faziam exclusivamente em prol de sua consolidação como um “esporte” ou mesmo como um “esporte radical”. Para além dos vãos alçados nas pistas, esse novo uso dos espaços urbanos ativava formas de enunciações discursivas que fugiam ao par “esporte” e “radicalidade”. De fato, tão logo o *street skate* surgiu, ele acabou ganhando a capa das principais revistas sobre esta atividade existentes no período.



Figura 1: Capa da revista *Yeab!*, com a manchete: “O skate invade as ruas”.¹²

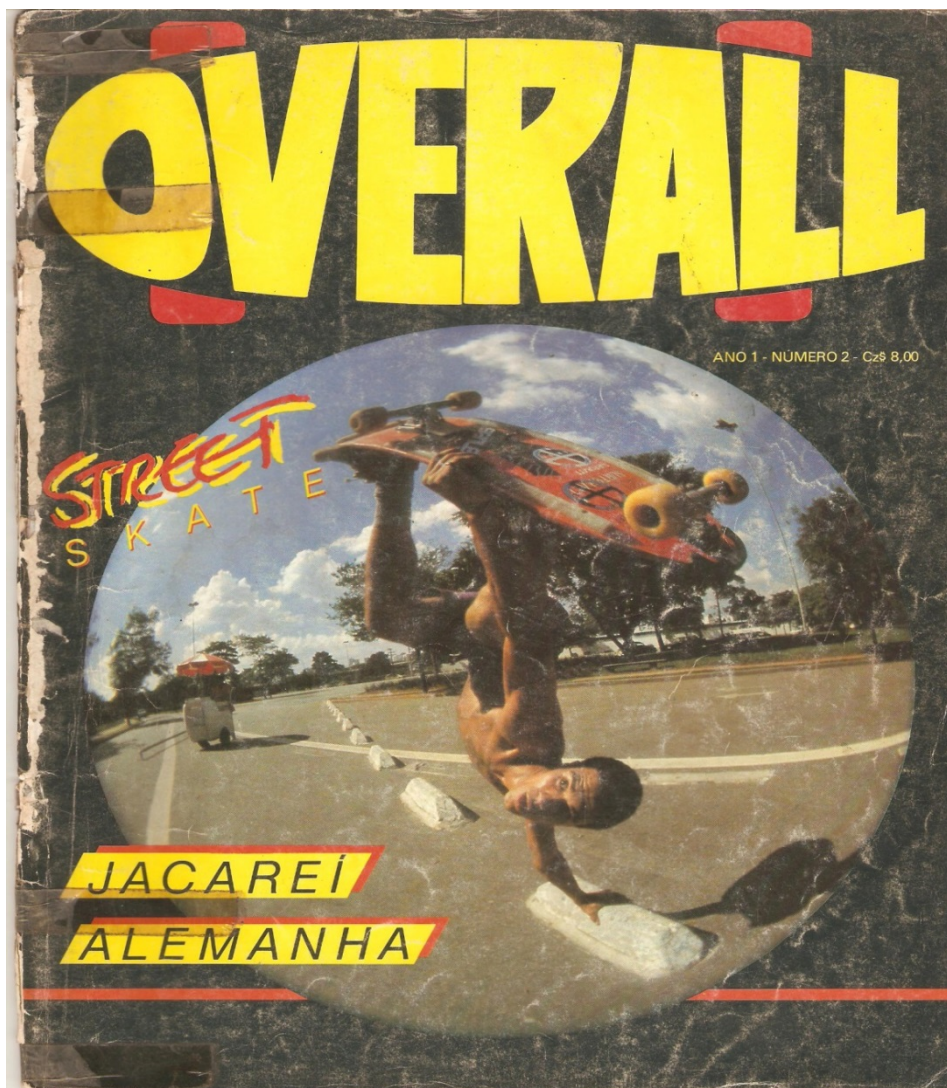


Figura 2: Capa da revista *Overall*, com fotografia de *streetskate*.¹³

Na figura 1 temos a capa da revista *Yeab!* – edição de maio de 1986 – e nela a manchete: “O skate invade as ruas”. Na fotografia, de autoria de Daniel Bourqui, observamos um skatista saltando sobre uma escada. O skate invade as ruas” também foi o tema do pôster dessa edição, localizado em suas páginas centrais. Além do pôster, uma matéria intitulada “Pontos Indeterminados” apresentava, em 10 fotografias, a

prática do *street skate* em diversos “pontos” espalhados pela cidade de São Paulo. Acompanhando as imagens, uma série de legendas, escritas por Paulo Anshowinhas, buscava explicar ao leitor que, diferentemente do skate vertical, que dependia de um *half-pipe*¹⁴ ou de algum outro tipo de pista para acontecer,¹⁵ a prática do *street skate* podia ser exercida em qualquer lugar e a qualquer hora. Por isso, no meio das imagens que demonstravam skatistas em ação, deslizando e saltando sobre os mais inusitados pontos da arquitetura dessas cidades (como bancos, muros e paredes), havia inúmeras legendas que explicavam, por exemplo, que “aproveitar o espaço é antes de tudo uma questão de criatividade”, pois, “ir à procura de locais skatáveis é uma missão arriscada [...] é descobrir uma nova aventura a cada local encontrado.”¹⁶

Na segunda figura observamos a capa da revista *Overall*, também de 1986, a qual apresentava o skatista paulistano Fernandinho que, como explicado no interior desta publicação, estava “horrorizando os obstáculos das ruas de Sampa”. Nesta edição em especial, o *street* foi o tema principal em uma matéria que recebeu um título bastante irônico: “Não acordem a cidade... *Street skate*”. A matéria, escrita por Fábio Bolota (skatista e um dos colaboradores desta edição) se reportava ao *street skate* da seguinte maneira,

Eu quero mais é asfalto e concreto, para pegar meu skate e sair por aí, gastando minhas rodas, descendo e subindo ladeiras puxado por ônibus, dropar de muros, horrorizar o trânsito, achar transições para uma boa diversão, entrar na contra-mão, subir guias, etc. Por que? Porque nós amamos isto, vivemos disto!!!

Imagine a infinidade de coisas que uma cidade pode ter em suas ruas, postes, carros, guias, shits, bêbados, bitches, transições, buracos, valas, velhas e muito asfalto. E o que isto significa? Obstáculos?

Talvez sim, para aqueles que não possuem a ousadia de encarar ruas desconhecidas e terrenos inexplorados. Mas para outros, todos esses “obstáculos” se transformam num verdadeiro campo de batalha, em que o objetivo é demonstrar o domínio sobre a arma de ataque: o skate. E o ground de ação: as ruas!¹⁷

“Horrorizar os obstáculos das ruas”, “horrorizar o trânsito” e “entrar na contra-mão” não parecem ser atitudes condizentes ao que geralmente identificamos como “esporte”. Se com os campeonatos e o desenvolvimento do skate em pistas a prática dessa atividade estava sendo associada ao termo “esporte radical”,¹⁸ agora, para além dele (mas de modo concomitante) reivindicavam-se certas características que não podiam ser comparadas às tradicionais formas de organização esportiva.

Deste modo, ao retratarem o *street skate* em suas páginas, essas mídias buscavam outros vieses discursivos que pouco (ou nada) tinham a ver com o esporte. Assim, em uma das passagens da revista *Yeah!*, por exemplo, localizamos o seguinte trecho de autoria de Paulo Anshowinhas, seu editor,

Eles (os skatistas) não se preocupam com a etiqueta social, nem com o sistema que tentam lhes impor. Criam uma anarquia urbana e circulam sem nenhum tipo de autoritarismo. São os filhos do futuro! Não se importam com comentários ou críticas, pois banalidades já estão cansados de ouvir. Eles pensam diferente do *Status Quo* e se comportam como tal.¹⁹

Ora, como formar as bases sólidas para o desenvolvimento esportivo de uma “anarquia urbana”? Pois não seriam anarquia e esporte termos imaginariamente antagônicos? O conceito moderno de esporte não é algo sempre relacionado ao rendimento físico e ao tempo das provas, os quais exigem o espaço instituído e o gesto preciso? Em sua organização ele não revelaria sempre “um programa temporal, um calendário especial, com provas regulamentadas e rigorosamente escalonadas ao longo do ano?”²⁰

Esporte, destarte, é algo que se pratica com disciplina e respeito às regras estabelecidas, jamais com “anarquia”. A questão, portanto, é que havia uma forte relação entre a prática do skate de rua com as formas de apropriação do espaço urbano e não com o esporte. Além disso,

somava-se nessa relação a aproximação que muitos praticantes do período tiveram com a música e as formas de contestação simbólica advindas do movimento *punk*.

Os skatistas de rua não eram necessariamente *punks*. Mas não há dúvida de que o *punk* manifestava-se junto a muitos jovens skatistas do período como uma espécie de “contágio”, isto é, como uma influência estética na forma como os skatistas de rua apropriavam-se da cidade e também no modo como essa atividade passava a ser retratada por suas mídias especializadas.²¹ Frases como “subindo e descendo ladeiras puxados por ônibus, dropar de muros e horrorizar o trânsito”, ou ainda, ter a “ousadia de encarar ruas desconhecidas e terrenos inexplorados”, indicavam algo de transgressor, rebelde, atitudes similares as que comumente encontramos nas manifestações *punk*.

Outro fato que merece ser observado é que tanto a revista *Overall* quanto a *Yeab!* traziam seções com comentários sobre a discografia desse gênero musical. “*Punk’s not dead*” era o nome de uma seção da revista *Yeab!* que comentava os discos de músicos *punks*. Os LP’s tinham títulos sugestivos: “Grito do suburbano”, “O começo do fim do mundo”, “Crucificados pelo sistema”, “Tente mudar o amanhã”, “Brigadas de ódio”, “Mais podres do que nunca”, “Ataque sonoro” etc. Desta forma, ao ler tais publicações, escutar as músicas, informar-se sobre as resenhas dos LP’s e ir (eventualmente) aos shows de *punk rock*, muitos skatistas ficavam cada vez mais familiarizados com as formas de pensar e agir que vinham dessa cena musical. Tal influência, contudo, passava a ser praticada nas ruas. Enxergá-las como um “campo de batalha”, como escreveu o skatista Bolota, indica bem a guerra pela qual as ruas tornavam-se palco: guerra simbólica, uma busca por espaços e territorializações.

Palco de manobras e aventuras do skate, a cidade foi sendo gradualmente conquistada, interpretada e apropriada. E se as pistas de

skate vertical (no formato de uma grande letra “U”) levaram alguns skatistas a trilharem os rumos do “esporte”, ou mais especificamente os rumos do “esporte radical”, as “aventuras” do *street* demonstravam que também havia outros caminhos que poderiam ser explorados.

A questão é que se no caso do skate praticado em pistas com rampas verticais (“U”) é menos problemático a ampliação do conceito de esporte para caracterizá-lo, a insistência em denominar o skate de rua como um esporte chocava-se (e choca-se) com seu uso irreverente e transgressor nas ruas dos grandes e médios centros urbanos. Nesses espaços da cidade não havia competição, não havia um tempo cronometrado e nem juízes. Neles, o que contava era a liberdade para criar, para passar por cima de obstáculos imaginados, saltar sobre bancos, escadas, enfim, escorregar sobre as dobras da matéria. O skate de rua, neste sentido, manifestava-se de maneira informal e não através da formalidade esportiva (cronômetros, juízes, equipes etc). Tratava-se de uma série de novas experiências juvenis que buscava singularizar a vivência do cotidiano, deslizando pela cidade, explorando “outros espaços” e inventando maneiras de ser onde o lúdico tinha – quase sempre – um lugar especial.

Quem poderia identificar skatistas nas ruas como “esportistas”? Afinal, eles corriam da polícia, muitos escutavam *punk rock* e, de modo algum, utilizavam uniformes de equipe tais como os jogadores de futebol, por exemplo. “Em 1981 já usavam pulseiras de rebite, em 1982 pintavam os cabelos de verde ou roxo”.²² O skatista paulistano apelidado como “Pois él”, por exemplo, “catava o que via pela frente e transformava em pulseira. Cadarços, plásticos, arames, fios elétricos, varal... E como ele era *streeteiro* e a rua era um prato cheio, sempre aparecia com braçadeiras enormes para andar de skate no Parque do Ibirapuera”,²³ recorda a escritora Cecília Gonçalves, que viveu o período junto aos skatistas de São Paulo.

Havia um ato político no praticar skate pelas ruas da cidade. Desenhar um novo uso do tempo livre, inventar algum estilo de vida que estivesse sempre mais próximo da criação e também da rebeldia era algo que conquistava cada vez mais novos modos de subjetividade, de leituras do espaço e de inserção mesmo nesse espaço. E isso implicava uma disponibilidade sempre presente para o desejo, para um tempo de satisfação, de invenção de si e, portanto, de “re-criação”.²⁴

Se por um lado a invenção do *street skate* causava a sensação de liberdade para os jovens que por ele se expressavam, por outro lado o mesmo não pode se dito sobre os sujeitos que não estavam conectados a essa prática. No Brasil, embora o skate tenha sido praticado em muitas cidades, do sul ao norte, não há dúvida de que a cidade de São Paulo se destacou como um dos principais centros onde a prática do *street skate* se desenvolveu. Nesta cidade, sua emergência coincide com a posse de Jânio Quadros (ex-presidente do Brasil) como prefeito. Longe de observar a atividade com bons olhos, os desentendimentos entre Jânio Quadros e os skatistas começaram tão logo ele assumiu a prefeitura no início de 1986.

Jânio Quadros e a proibição do skate na cidade de São Paulo

Em São Paulo, o Parque do Ibirapuera era um dos locais preferidos pelos jovens skatistas em função do piso liso construído sob a marquise. Este Parque, orgulho para muitos paulistanos e importante cartão-postal de sua modernidade, foi inaugurado no dia 21 de agosto de 1954, marcando as festividades do IV Centenário da Cidade.²⁵

Na década de 1980 a sede da prefeitura de São Paulo ficava no Parque do Ibirapuera, e essa proximidade acabava por facilitar os contatos visuais entre o prefeito, demais autoridades e o grupo de skatistas que frequentava o local. Segundo um deles, em função da existência das marquises, o Ibirapuera tornou-se “o templo de todos os

skatistas”.²⁶ Assim, neste local os praticantes de skate se reuniam, ouviam música e andavam de skate regularmente. Na “terra da garoa”, o “Ibira”, como era chamado pelos skatistas, os protegia das constantes chuvas que precipitavam pela capital, fato que também facilitava a manutenção dessa atividade por ser a área praticada, além de lisa, também coberta.

Descontente com a utilização deste espaço pelos skatistas, em agosto de 1986, Jânio Quadros deu as suas primeiras ordens para coibir a prática do skatismo por lá, como registrou em nota a revista *Yeah!*,

O Parque do Ibirapuera tornou-se, a partir do fim de agosto último, um local proibido para a prática do Skate. Tudo começou quando a Polícia Militar apreendeu quatro skates por ordem do Prefeito Jânio Quadros (31/08/1986). [...] A alegação do capitão Armando Rafael de Araújo de que: “esporte é para ser praticado numa praça de esportes; o parque é uma área de lazer” é incoerente demais. Alguém já viu apreensão de bicicletas, bolas e patins?²⁷

Embora coibidos, os skatistas continuaram frequentando o Parque, desafiando as medidas de Jânio. Como recorda Paulo Anshowinhas, editor da revista *Yeah!*, antes da proibição definitiva de 1988, o prefeito já via com maus olhos a prática do skate, pois “de 86 para 88 o skate estava vivendo um momento de grande repressão, não existia uma legislação para o esporte em si, liberando ou proibindo, mas a polícia da época já era muito restritiva. Andar de skate na rua já era algo visto como algo meio marginal”,²⁸ argumentou. De fato, numa matéria publicada na revista *Yeah!* no ano de 1987, a qual veiculava uma série de fotografias com diversos skatistas praticando nas ruas de São Paulo (a matéria era intitulada “*Street Images 87*”), Anshowinhas já questionava: “Por que tanta repressão? Sou eu um criminoso? Estarei eu transgredindo algum preceito legal andando de skate?”²⁹

De acordo com a jornalista Elaine Lavezzo (em reportagem publicada na revista *Skatin*³⁰), após muitas rusgas entre skatistas e

policiais, a proibição efetiva no Parque foi decretada no dia 19 de maio do ano de 1988, quando o então prefeito Jânio Quadros enviou um memorando, impresso no *Diário Oficial*, proibindo “irrevogavelmente” o uso do skate neste local.³¹ Segundo essa jornalista, essa proibição atingiu em cheio os skatistas paulistanos, pois o Ibirapuera era onde a maioria aprendia suas manobras e por isso um importante ponto de encontro para esses jovens.

Inconformados, a jornalista relata que os skatistas se organizaram e, no dia 23 de junho do mesmo ano, realizaram uma passeata com o uso de faixas e de um megafone, a qual contou com aproximadamente 200 participantes. Essa passeata também foi noticiada pelo Jornal *Folha de São Paulo*,³² que no dia seguinte ao ocorrido, estampou uma fotografia³³ da passeata em sua capa principal. Na reportagem, a *Folha* lembrava que “os adeptos do skate têm enfrentado dificuldades para treinar desde que o prefeito decidiu proibir a entrada dos skatistas no parque, no dia 19 de maio”.³⁴

Mas essa passeata, que partiu da Estação de Metrô Paraíso e visava, percorrendo algumas ruas da cidade, entrar no Ibirapuera para entregar “uma carta com mais de 6 mil assinaturas”³⁵ formalizando o pedido de reconsideração da proibição e solicitando a “construção de uma pista no local ou em outra área pública”,³⁶ foi barrada antes de atingir esse objetivo. Jânio Quadros não quis receber e nem dialogar com os skatistas. De acordo com Márcio Tanabe, um dos principais skatistas engajados nesta passeata (foi ele, por exemplo, quem comprou o megafone e mandou confeccionar as faixas de repúdio a esta medida), o grupo por ele liderado não conseguiu entrar no Parque do Ibirapuera e chegar até a Prefeitura, pois Jânio Quadros ordenou para que os seguranças fechassem os portões de acesso ao Parque e impedissem a entrada dos skatistas. “A gente ficou lá barrado”, recorda Tanabe.

Um dado curioso foi que essa passeata trouxe um efeito inverso ao esperado pelos seus organizadores, que era a liberalização do uso do skate no Parque do Ibirapuera e/ou a construção de uma área pública para o *street skate* na cidade. Segundo nota publicada pela revista *Overall*, no dia seguinte ao ocorrido, Jânio Quadros “leu nos jornais sobre a passeata e fez o contrário do esperado: ao invés de abrir um espaço para o skate, ele cortou o principal, a rua”.³⁷ Assim, além do então prefeito manter a proibição do skate no Parque do Ibirapuera, ele também ordenou que a prática fosse proibida por todas as ruas da cidade de São Paulo. Por meio da manchete: “Jânio proíbe uso de skate em S. Paulo”, o jornal *Folha de São Paulo* noticiou o feito da seguinte forma:

O prefeito de São Paulo, Jânio Quadros, 71, irritado com a passeata promovida anteontem por praticantes de skate contra a proibição de seu uso no parque do Ibirapuera nos fins-de-semana, decidiu proibir que os skatistas circulem por todas as ruas da cidade. Em memorando ao secretário municipal dos Transportes, coronel reformado da PM Geraldo Penteadó, Jânio solicitou “deter todos aqueles que praticarem esse esporte, no leito das ruas e nos logradouros públicos. Agravam o perigo que representam”.³⁸

No dia 15 de agosto, somando-se a essa proibição, o juiz titular da Vara Central de Menores, Valdir Augusto de Carvalho, determinou “todo empenho no sentido de coibir a utilização de skate por menores, nas situações em que tal prática venha implicar riscos à integridade própria ou à de terceiros”.³⁹ Enfim, escrevia a jornalista Elaine Lavezzo, a prática do *street skate* na maior cidade do Brasil tinha se transformado “num caso de polícia”.⁴⁰

Uma vez proibido, o *street skate* passou a ser um alvo legítimo da repressão policial. O skatista *Thronn* é um dos muitos que afirma ter sido alvo da força policial no Parque do Ibirapuera, tendo inclusive lutado contra alguns guardas que visavam confiscar seu skate. Abaixo, ele conta com detalhes o que aconteceu,

Por duas vezes eu fui preso, me colocaram numa cela. Uma vez fui preso porque estava dando *fiftys* [deslizando com os eixos do skate] nos arcos de ferro da igreja de Moema. Uma vez no Parque do Ibirapuera, fui ao banheiro da lanchonete e, quando voltei, todos meus amigos tinham sido abordados e seus skates confiscados. Aí os guardas vieram querer pegar o meu, e o pessoal, já meio derrotado e cabisbaixo, pediu pra eu entregar também, mas comecei a lutar, girando como numa roda de *punk* e saiu voando caneta, blocos de anotações, distintivos, moedas, tudo que os guardas tinham.⁴¹

Embora tenha lutado, *Thronn*, a exemplo de seus amigos, acabou tendo seu skate confiscado também. Em um depoimento colhido com outro skatista, chamado Wilson Rosa da Silva e apelidado como Wilson “Neguinho”, o qual era um praticante de *street skate* bastante conhecido na época,⁴² foi relatado que,

Naquela época do Jânio foi muito ruim, porque a gente saía de casa com medo, quando via os guardas já virava qualquer rua e se escondia atrás dos carros. A gente andava sempre na Alameda Santos, geralmente à noite, eu, o Edu, o Tambor, um amigo meu que morava ali na Brigadeiro, e pô!, os guardas corriam atrás da gente com a arma mesmo, engatilhando e apavorando. Não sei como eu não tomei um tiro naquela época!⁴³

Outros depoimentos colhidos também evidenciam a repressão desencadeada por Jânio Quadros neste período. O skatista Rui Barbosa, apelidado no meio como “Rui Muleque”, afirmou que após o decreto-lei de Jânio Quadros, a Guarda Municipal ficou incubida de cumpri-la e por isso ele recorda-se do período como uma fase de “terror” para os skatistas, uma vez que “o tempo todo eles precisavam ficar fugindo da polícia, que apreendia os skates”.⁴⁴

Nas revistas especializadas nesta atividade que existiam na época, muitos leitores passaram a se manifestar por meio de cartas à redação, as quais eram publicadas como sinais do descontentamento dos praticantes com essa medida de Jânio. O leitor Luciano Pandinha, por exemplo,

escrevia criticando o que “Jânio fez com os skatistas de São Paulo”, e indagava “qual o mal de andar de skate nas ruas e no Ibirapuera?”.⁴⁵

Embora a proibição ao skate imposta por Jânio Quadros em São Paulo tenha sido a que melhor foi documentada, certamente ela não foi a única no período. Muitas cidades brasileiras também proibiram o skate nas ruas no final da década de 1980, como Mogi das Cruzes⁴⁶, por exemplo. Nos Estados Unidos – berço do skate – o ano de 1988 também ficou marcado por restrições à prática dessa atividade, com algumas prefeituras do Estado da Califórnia decretando “leis proibindo a prática do skate nas ruas e calçadas”.⁴⁷

Dentre as revistas brasileiras de skate existentes no período, foi a *Yeab!* quem mais enfaticamente protestou contra essa medida de Jânio Quadros. Na capa de sua edição de número 10, de 1988, havia uma foto de uma skatista e, logo abaixo, uma chamada escrita em letras garrafas: “ANDAR DE SKATE NÃO É CRIME”. De acordo com Paulo Anshowinhas, seu editor, esse bordão virou um “slogan por um longo período entre os skatistas, e isto como forma de contestação”.⁴⁸

No interior dessa publicação, Paulo Anshowinhas assinava uma matéria de várias páginas noticiando, comentando e refletindo sobre essa proibição. O título geral de sua reportagem era: “Legalizar ou permanecer marginal?”, e nela ele se colocava contrário a essa proibição e também afirmava ser necessário incentivar o uso do skate para que esse não continuasse sendo marginalizado.

A revista *Yeab!* não estava sozinha nesta resistência a Jânio Quadros. Pois além de contar com o apoio óbvio da “tribo” da qual ela era um porta-voz autorizado, também o *Jornal Folha de São Paulo* produziu uma matéria em que não só lembrava que o “Código Civil garante à população os direitos quanto o uso de áreas públicas da cidade” como também trazia um depoimento do advogado Walter Ceneviva – na época com 60 anos de idade e um dos membros de seu

grupo de articulistas – que apontava as contradições desta lei. Para Ceneviva, portanto,

O prefeito não tem a menor condição de implementar a ordem, pois se assim fosse, ele também poderia impedir o uso de bicicletas e patinetes, que coincidentemente, estão sendo testados para utilização da Guarda Metropolitana. O máximo que se pode fazer é o alerta contra a imprudência de certos skatistas, numa atitude de proteção contra sua vida e de terceiros. Não se pode coibir genericamente o uso de um bem comum do povo.⁴⁹

De acordo com este advogado, portanto, a proibição do skate nas ruas tornava-se algo de difícil concretização, pois se tal lei fosse cumprida, também outros aparelhos de deslizamento, como bicicletas e patinetes, poderiam ser coibidos. No entanto, embora Ceneviva também se colocasse contrário as imprudências cometidas por muitos desses jovens nas ruas – e cremos que podemos interpretar essas imprudências como algumas manobras mais ousadas que os skatistas tentavam realizar em escadarias, ladeiras etc –, ele pensava a cidade com um bem coletivo e, por este ponto de vista, pertencente a todos. Fora isso, a comparação do advogado da prática do skate com bicicletas e patinetes era pouco fundamentada. Pois a grande maioria dos praticantes de bicicletas e/ou patinetes não pulava escadas ou deslizava sobre bancos e guias, eles apenas deslocavam-se de um espaço para outro, assim como também faziam os pedestres. Nesta perspectiva, portanto, cremos que faltava a Ceneviva a compreensão de que o *street skate* não era somente uma prática de deslocamento geo-espacial, mas, sobretudo, de apropriação espacial e de criação de heterotopias.⁵⁰ E se a invenção de um outro espaço era o que definia o *street skate*, advertir essa imprudência era, obviamente, achar que se os skatistas utilizassem seus skates somente como um instrumento de passeio – como faziam os praticantes de bicicleta e patinete – a questão estaria próxima de ser resolvida, pois assim eles não trariam mais riscos “contra sua vida e de terceiros”.⁵¹

Não temos dúvida de que a proibição do uso do skate nas ruas e no Parque do Ibirapuera era uma medida coercitiva, que acessava mecanismos de controle e sistemas de vigilância punitiva. Por outro lado, é importante destacar que havia a recusa de muitos jovens skatistas em aceitar passivamente a imposição desta lei de Jânio Quadros. Assim, ao analisar as matérias publicadas no *Jornal Folha de São Paulo* que saíram nas semanas seguintes a proibição, é possível verificarmos que os skatistas buscavam certa dose de autonomia perante essa proibição. No dia 26 de junho de 1988, por exemplo, a *Folha*, além de exibir em sua capa um grande foto com diversos os skatistas transitando pelas ruas da cidade, escrevia em sua legenda que: “Alexandre Ribeiro e seu grupo de skatistas da zona norte de São Paulo desafiam a proibição de andar de skate nas ruas da cidade, determinada pelo prefeito Jânio Quadros”.⁵²

O jovem citado pela reportagem da *Folha de São Paulo*, Alexandre Ribeiro, era um praticante de skate bastante conhecido entre os skatistas da época. Por ter sido capa desta edição do jornal, buscamos localizá-lo para saber se ele teria alguma história para contar acerca desta fase em que o skate fora proibido em São Paulo. Após estabelecermos o contato com vários skatistas/jornalistas das mídias especializadas em skate existentes atualmente, acabamos descobrindo que Alexandre Ribeiro não mais residia em São Paulo, mas sim em Cuiabá, capital do Estado de Mato Grosso. A mudança para este Estado se deu por sua aprovação em um concurso público para professor adjunto da Universidade Federal de Mato Grosso (UFMT), na área de veterinária, uma vez que Ribeiro doutorou-se em cirurgia veterinária pela UNESP.

Uma vez feito o contato com Alexandre Ribeiro, ele nos relatou um episódio ocorrido entre ele, um grupo de amigos, um guarda municipal e o próprio Jânio Quadros. O relato, bastante rico em informações e com muitos detalhes, deixa evidente como o poder é

sempre um campo de disputa e, dependendo da situação, nem sempre o mais “forte” vence.

O episódio ocorreu já nos estertores do mandato de Jânio Quadros e após a votação que elegeu Luíza Erundina a nova prefeita da cidade. Alexandre Ribeiro estava com um grupo de amigos skatistas no Parque do Ibirapuera para acompanhar uma demonstração de dois famosos skatistas norte-americanos⁵³ que se apresentavam em uma pista de *half-pipe* (pista de skate no formato de uma grande letra “U”) num evento chamado *Fest Jovem*. Ao saírem do evento, ele e seus amigos (um grupo de 8 a 12 jovens) cruzaram uma das marquises pegando impulso sobre seus skates. Neste momento eles foram surpreendidos por um guarda que fazia o policiamento do local, o qual ordenou aos jovens que parassem e recolheu seus skates, lembrando ao grupo que era ilegal andar de skate na marquise do Ibirapuera.

Os jovens reclamavam seus skates de volta e o guarda dizia que eles não seriam devolvidos. No meio da confusão, surgiu um “opalão comodoro preto” e de dentro saiu Jânio Quadros. O prefeito dirigiu-se até os jovens, escoltado por dois seguranças. Segundo Ribeiro, ao verem a cena, “todos os queixos caíram, inclusive o do guarda”. Pois uma coisa era ser pego por um guarda que aplica a lei, e outra bem diferente era levar um “esporro” da própria pessoa que criou essa lei. Em seu relato, Ribeiro conta que,

Jânio Quadros foi até nós e começou a perguntar:

- Que baderna é essa aqui? Vocês não sabem que eu proibi a prática de skate nas ruas da cidade de São Paulo, inclusive aqui no Parque?

Um dos meus amigos se desesperou e pegou o skate do meio da pilha, dizendo que a mãe dele iria dar uma bronca se ele perdesse o skate. Foi quando Jânio disse:

- Dê-me este skate, ele foi aprendido (lê-se: apriendííííídooo)!!! “Vixe”, “gelei” após ouvir isso!

Deram-se início as explicações, que estávamos apenas de passagem, pois nossa ida ao Ibirapuera se devia a uma apresentação feita por dois norte-americanos (*Fest Jovem*) que ocorria no mesmo local da Bienal.

Lembro-me que Jânio disse:

- Mas o que é a Bienal? Onde é isso? O guarda e os seguranças começaram a apontar o local e afirmaram que o evento estava mesmo ocorrendo. De repente, Jânio disse:
- Ah, mas vocês são mesmo terríveis, devolvam-lhes os skates!! Escutem, aguardem o mandato da nova prefeita Erundina que irá libertar a prática do skate; inclusive liberará a volta dos camelôs às calçadas!⁵⁴

Este relato de Alexandre Ribeiro põe em cena dois grupos de personagens: de um lado, representando o poder da lei, podemos localizar primeiramente o guarda municipal e, somando-se a ele, o próprio prefeito Jânio Quadros (o símbolo máximo dessa lei) e seus dois seguranças. Já do outro lado, representando aqueles que deveriam ser os sujeitos sobre os quais essa lei se aplicaria, temos os skatistas de rua, jovens de 14 a 16 anos e num número de 8 a 12 indivíduos, que circulavam com seus skates no chão liso do Parque do Ibirapuera.

Uma questão que podemos nos colocar é: por que o guarda deixou de apreender os skates, como a lei previa? Analisando o depoimento de Ribeiro, podemos concluir que se tratava de indivíduos muito novos, jovens na idade de 14 a 16 anos, sendo que um deles, ao ter o skate recolhido, entrou em desespero, dizendo levaria uma “bronca” da mãe caso ele perdesse o skate. Some-se a isso o fato de Jânio Quadros ter demonstrado conhecimento de que sua sucessora, a petista Luiza Erundina, logo que tomasse posse, optaria pela liberação da prática do skate nas ruas de São Paulo. Sua proibição, portanto, tinha data para acabar. Além disso, havia o alibi de um evento de skate (*Fest Jovem*) estar ocorrendo nas proximidades do local. Neste contexto, devolver os skates aos jovens parece ter sido a única forma que Jânio Quadros encontrou para desatar uma situação que fora criada por sua própria intolerância com os jovens. Pelos apelos da situação, foi esse grupo de jovens (e não o prefeito) quem acabou vencendo a disputa. Ao final, os skates não foram “apriendiíííídoossss”, como relatou Ribeiro, em alusão a fala estridente dessa controversa figura da história política brasileira.

Erundina: a prefeita que ama o skate⁵⁵

Um “terremoto” noticiava o jornal francês *Le Monde*,⁵⁶ um “soco das urnas”, revelava em letras garrafais a principal manchete de capa da revista *Veja*. De fato, a vitória de Luiza Erundina de Souza nas eleições de 15 de novembro de 1988 para a prefeitura de São Paulo fora inesperada tanto para sociólogos petistas como Francisco Weffort⁵⁷ - o qual dava como certa a vitória de Paulo Maluf do PDS - quanto para os próprios membros de seu partido, como José Genuíno, que teria dito que “a campanha de Erundina foi um milagre”.⁵⁸

No entanto, de acordo com a revista *Veja*, em sua edição de 23 de novembro de 1988, o inesperado de uma mulher de 53 anos, nordestina, defensora dos sem-terras, lançada candidata com o patrocínio “daquela fatia do partido apelidada de xiita”,⁵⁹ solteira, considerada intransigente e que ostentava sobre seu corpo obeso “as formas de um Fusca”,⁶⁰ revelou que o eleitorado de São Paulo estava “cansado de políticos carcomidos”, os quais se revezavam no poder “como atores de uma mesma peça de teatro” e, no dia da eleição, optou pela ruptura, isto é, pela “vitória da fera radical”, de Luiza Erundina, a chamada “prefeita marxista”.⁶¹

Após o término da gestão de Jânio Quadros, foi essa nordestina de origem humilde e empenhada em administrar a cidade de São Paulo para o benefício dos “paulistas de baixa renda”⁶² quem revogou a Lei 25871, a qual proibia a prática do skate nas ruas da maior cidade do país.

O primeiro contanto entre Luiza Erundina e os skatistas aconteceu em 1988, antes das eleições municipais. Os jovens praticantes de skate estavam inconformados com a proibição do então prefeito Jânio Quadros e buscaram Erundina para solicitar a revogação dessa medida, caso ela fosse vitoriosa nas eleições. Segundo a candidata, tratava-se de “uma reivindicação natural da juventude, uma disputa de espaço que tem sentido”,⁶³ e por isso deu sua palavra que, se realmente fosse eleita, ela legalizaria o skate na cidade de São Paulo. Ao contrário do mau-humor

de Jânio Quadros, Erundina teve com os skatistas uma relação de simpatia e proximidade. Ela chegou até mesmo a subir num skate, como podemos observar na fotografia abaixo:



Figura 3: Fotografia de 1990. Luiza Erundina tenta subir num skate.⁶⁴

A posse de Luiza Erundina como a nova prefeita da cidade de São Paulo ocorreu no dia primeiro de janeiro de 1989, em solenidade realizada na Câmara Municipal. Vale ressaltar que Jânio Quadros, que já havia proibido Erundina (então deputada estadual eleita com 35 mil

votos) de entrar na sede do governo municipal e chegou a ameaçá-la de prisão pelo fato dela demonstrar insistência em verificar denúncias de maus serviços numa creche na cidade de São Paulo,⁶⁵ não compareceu na solenidade de transmissão do cargo, num ato de desrespeito a candidata eleita.

No tocante a legalização da prática do skate, Erundina foi justa e cumpriu com a promessa feita aos skatistas. Tão logo assumiu, ela revogou a lei que proibia a prática do skate. Numa matéria intitulada “Erundina começa a mostrar seu estilo”, o jornal *O Estado de S. Paulo*, em sua edição de 8 de janeiro de 1989, escrevia que o retorno dos “skates ao Parque do Ibirapuera e a volta dos vendedores ambulantes à praça da Sé foram as mudanças mais visíveis na cidade de São Paulo, durante a primeira semana de mandato da prefeita Luiza Erundina”.⁶⁶

A relação da prefeita com os skatistas lhe valeu uma entrevista no *Jornal Folha da Tarde*, em sua edição de 16 de julho de 1990. O impresso deu evidência ao feito sob o sugestivo título: “Erundina: a prefeita que ama o skate”.⁶⁷ Abaixo encontram-se alguns dos principais trechos dessa entrevista,

Folha da Tarde – O fato de reabrir o Ibirapuera para a prática do skate a aproximou muito dos skatistas. Existe um compromisso com essa rapaziada?

Erundina – Eu me sinto comprometida com os skatistas da cidade, tanto que está em estudo um projeto para a construção de um espaço próprio para a prática do skate no Ibirapuera. A partir desta experiência vamos tentar estendê-la a outros parques. Meu compromisso com eles é tão sério que ainda pretendo fazer parte de algum clube que reúna skatistas, embora já não tenha mais idade para fazer o mesmo que essa rapaziada maravilhosa de nossa cidade faz sobre um skate. Na nossa gestão vamos criar condições para que os adeptos deste esporte possam praticá-lo adequadamente.

Folha da Tarde – Por que a prefeita continua apoiando os eventos promovidos pelos skatistas se eles ainda não são vistos com bons olhos pela sociedade? Isto não gera uma imagem negativa para a prefeitura?

Erundina – Não, porque o esporte é uma prioridade do governo. Nós dedicamos atenção especial aos jovens e às crianças, pois, se não cuidarmos bem dessa meninada agora, não poderemos nos queixar do que venham a ser no futuro. Por isso, ainda este ano, espero me reunir com os skatistas para discutir o projeto do Ibirapuera e outras maneiras da prefeitura estar mais presente, ajudando de uma forma mais efetiva a prática do skate.

Folha da Tarde – Este compromisso com os skatistas nasceu quando, prefeita?

Erundina – Nasceu antes das eleições. Uma das bases da minha campanha eleitoral foi os jovens, mesmo aqueles que não tinham idade para votar. Acho que por causa dessa minha cara de avó, de tia, acabei criando um vínculo muito forte com a juventude e as crianças. Então, os skatistas me pediram para liberar o Ibirapuera, quando fui eleita. Muita gente não gostou, mas eles adoraram. A partir daí começou o nosso amor com os skatistas da cidade.⁶⁸

Nesta entrevista, dois pontos merecem destaque. Primeiro: é nítido o contraste da atitude de Erundina em aceitar o diálogo com os skatistas e a postura de Jânio Quadros em não recebê-los e ainda proibi-los do direito de exercer a prática por eles escolhida. Segundo: Luiza Erundina, embora tenha legalizado o uso do skate no Parque do Ibirapuera, não via esse local como sendo adequado para a prática dessa atividade, a qual ela tratava como “esporte”. Segundo ela, o ideal seria a construção de pistas de skate, as quais primeiramente seriam construídas neste Parque e depois se estenderiam por outros espalhados pela cidade. Em sua concepção, ao construir essas áreas, a prefeitura estaria influenciando positivamente essa atividade e não somente reprimindo, como fez seu antecessor.

Se podemos enaltecer a atitude de Erundina em dialogar com os jovens e repudiar a medida de Jânio Quadros em não lhes dar ouvido, negando-lhes o direito do exercício da cidadania, não podemos perder de vista que sua aposta era a de que, para o skate ser bem aceito, ele necessariamente deveria ser praticado, como um “esporte”, em pistas de skate.

Segundo palavras da própria Erundina, ela teria herdado de Jânio Quadros uma prefeitura endividada e com uma série de problemas estruturais, o que lhe comprometeu quase todo o orçamento e lhe deu poucas capacidades de manobra.⁶⁹ Talvez por isso seu apoio aos skatistas não se concretizou na abertura da prometida pista do Parque do Ibirapuera. De todo modo, a partir de sua gestão, o skate passou a ser menos marginalizado e mais reconhecido socialmente. No ano de 1995, por exemplo, inventou-se até mesmo uma data - 3 de agosto - para se comemorar o skate em São Paulo. O “Dia do Skate”, como ficou conhecido, nasceu de um projeto do vereador Alberto Hiar e acabou sendo aprovado e sancionado pelo então prefeito Paulo Maluf. Para comemorar o feito, muitos skatistas foram convidados a uma sessão solene no Salão Nobre da Câmara Municipal. No início de seu discurso, Alberto Hiar lembrava que “se movimenta mais de 5 milhões de dólares nesse esporte”,⁷⁰ e que por isso o skate “é um esporte que tem que ser representado numa casa parlamentar como a Câmara Municipal de São Paulo”.⁷¹

Assim, acompanhando o crescimento do número de skatistas nas ruas, o poder público também foi percebendo suas benfeitorias. As pistas construídas após este novo momento do skate são um bom exemplo disso. Ao promoverem-no como um esporte, elas acabam por fazer girar a indústria que lhe é correlata. Ao longo da década de 1990 elas começaram a aparecer e tomaram um grande impulso na virada do milênio. Somente na gestão da prefeita Marta Suplicy (2000 – 2004), por exemplo, foram construídas mais de 60 pistas públicas de skate dentro do projeto de revitalização de praças ‘centros de bairro’ e nos centros educacionais unificados, conhecidos como CEUs.⁷² Segundo o antropólogo Giancarlo Machado, atualmente São Paulo é uma das cidades que mais possui pistas de skate no mundo.⁷³

Considerações finais

A presença dessas pistas de skate não só na cidade de São Paulo, como também em muitas cidades brasileiras de pequeno, médio e grande porte (construídas em sua grande maioria pelo poder público), revela a existência de uma tendência – crescente desde o regime militar – de delimitação dos espaços de lazer e de vivência dos prazeres coletivos. Data desta época o início, no Brasil, de uma maior preocupação com o tempo livre, visto como perigoso se não estiver em sintonia com os interesses políticos vigentes e sendo, de algum modo, útil economicamente. O tempo livre (pensemos aqui o tempo que os skatistas poderiam ficar a deriva, nômades pelas ruas e avenidas), deveria ser obrigatoriamente transformado em lazer (um tempo de treinamento nas pistas, que poderia gerar campeonatos, investimentos empresariais, patrocínios etc). Deste modo, tratava-se de produzir o skate no duplo sentido de esporte/lazer, isto é, como algo que extrapolasse a prática em si e apresentasse conexões com outras esferas e interesses sociais, extrínsecos à informalidade e à gratuidade das investidas lúdicas na cidade.

É por este viés, portanto, que a historiadora Denise Bernuzzi de Sant’Anna aborda o período como aquele que começava a gestar novas formas de representação (as quais certamente chegaram até Erundina e continuam a invadir os dias atuais) que visavam criar o lazer como regra de certos prazeres. Nas palavras da autora, “fazer ginástica, usar o tempo livre com atividades físicas e esportivas, cultivar a descontração e um certo tipo de corpo, saudável e produtivo, passaram a fazer parte dos padrões de normalidade estabelecidos socialmente”.⁷⁴ As pistas de skate, portanto, encarnavam essa vontade de conhecer e administrar o lúdico. Elas, enquanto áreas destinadas ao lazer esportivo poderiam ser um meio útil de *educar os corpos* de grandes parcelas de uma juventude vista como

irreverente e ousada, e ainda controlar os espaços por onde essa mesma juventude circulava. Como escreveu Sant’Anna,

Em nome do lazer e da harmonia social ou da paz social, tratou-se de substituir espaços e atividades perigosas por espaços e atividades que, ao invés de ameaçar, fossem favoráveis à disciplina moral e social que se pretendia manter; [por isso] o lazer tornou-se mais assiduamente uma questão arquitetônica a ser discutida nos planejamentos urbanos, [era preciso] decifrar e disciplinar o próprio corpo durante a diversão.⁷⁵

De fato, é na existência e na manutenção dessas pistas de skate que podemos encontrar a positividade do discurso que enfatiza as “vantagens do esporte”. No entanto, ao delimitarem onde, quando e de que modo se deveria ou seria permitido praticar – legalmente e sem represálias – a atividade corporal do skate, elas também fazem coro (*ao seu modo*) às práticas de controle social. Na cidade de São Paulo, uma das mais novas pistas que contém aparelhos de *street skate* foi inaugurada em fevereiro de 2009, no Parque Zilda Natel, localizado na esquina da Avenida Doutor Arnaldo com a Rua Cardoso de Almeida, na Zona Oeste da cidade, numa área considerada “nobre” e próxima a Avenida Paulista.

Assim, se “é certo que entramos em sociedades de controle que já não são exatamente disciplinares”,⁷⁶ a construção dessas novas áreas destinadas ao skatismo demonstra que tais espaços foram e são concebidos pela lógica da modulação esportiva. Na pista de skate do Parque Zilda Natel (conhecida pelos skatistas como a “Pista do Sumaré”) por exemplo, os praticantes são vigiados por seguranças fardados que observam o movimento dos skatistas através de uma guarita localizada na parte superior do Parque. Giancarlo Machado – que fez uma etnografia nesta pista – relata que para poderem usufruir deste espaço, os skatistas precisam cumprir diversas recomendações que ficam explícitas numa placa localizada na entrada do Parque. São oito orientações gerais para os praticantes:

- 1 – Skate é um esporte perigoso, com risco de acidentes;
- 2 – O uso do equipamento de proteção individual (capacete, joelheiras, cotoveleiras e tênis) é extremamente recomendado;
- 3 – Respeite seus parceiros de sessão;
- 4 – Tenha consciência de seu nível técnico;
- 5 – Muita atenção com os outros usuários do parque;
- 6 – Informações sobre cada pista do parque, ou seja, o *banks*, a área de *street* e a mini rampa;
- 7 – O aquecimento e o alongamento são práticas importantes para evitar ou prevenir lesões;
- 8 – Consulte o regulamento completo na administração do parque.⁷⁷

Embora de forma bem mais diluída e branda do que outras instituições sociais, as pistas de skate construídas pelo poder público apresentam uma tendência à disciplinarização dos corpos uma vez que tentam ocupar os jovens praticantes de skate num lugar em específico e assim evitar os fluxos e ramificações desses pela metrópole. Elas estão inseridas nessa imensa tendência, crescente desde o final do século XIX, de “esportivizar” – ou de trazer para o registro “esportivo” – toda e qualquer manifestação corporal passível de ser *cooptada* por sua lógica. Em poucas palavras, elas fizeram parte de uma *educação do corpo* que visou tornar fixo o que é escorregadio. E, como escreveu o sociólogo Michel Maffesoli, “fixar significa a possibilidade de dominar”.⁷⁸

Deste modo, essas novas pistas de skate – que surgiram após sua legalização por Luiza Erundina – expressam um maior controle do Estado sobre essa prática corporal. Elas podem ser lidas como o resultado da dimensão *pedagógica do poder*. Revelam formas de condicionamento dos corpos, de seus usos e liberdades, perfazendo um *discurso material* que, em um só golpe, tanto nega algumas das possibilidades lúdicas do corpo quanto, por outro lado, afirma certos pressupostos que possuem, por base, a noção de esporte engendrada na competição, no treino e no desempenho. Diagnosticá-las menos como uma força que diz “não” e mais como uma forma de induzir e controlar o prazer; ou, fundamentalmente, de construir o skate como um

“esporte” aceitável (e economicamente rentável) é uma forma de evidenciarmos, na esteira de Foucault, a questão do poder mais como “uma rede produtiva que atravessa todo o corpo social do que uma instância negativa que tem por função reprimir”.⁷⁹

Para finalizarmos, cabe observar que embora as pistas de skate cumpram uma parte importante no que tange à esportivização do skate, elas não são totalitárias. Assim, embora arquitetos, autoridades públicas, secretários de esportes etc, venham se articulando para fabricar locais representados como adequados à prática dessa atividade, como rampas e demais obstáculos que simulam aqueles mais procurados pelos skatistas nos espaços urbanos, muitos adeptos do *street skate*, como observou o pesquisador Paulo Carrano, “combinam a utilização das pistas com a manutenção da prática nas ruas das cidades, numa recusa em aceitar integralmente a realidade da cidade artificial das pistas”.⁸⁰ Em estudos recentes efetuados por cientistas sociais que tomam como campo a cidade de São Paulo, essa mesma dinâmica foi observada. Maurício Olic, por exemplo, assinalou que um fator relevante a ser notado é que,

Mesmo que os *aparelhos de captura* estriem os skatistas em locais pré-determinados para a sua prática, o desejo de evasão e de apropriação da arquitetura urbana – que levam a produção de possíveis conflitos – não são eliminados, mas apenas controlados [...] Logo, o processo que leva ao fechamento do skatista em espaços exclusivos para sua prática, não implica de modo algum em um movimento fatalista (sem volta) de domesticação.⁸¹

Por inventarem fissuras na tarefa *educativa* que as pistas representam, e por através delas ganharem a cidade para além da vigilância e do controle, os skatistas de rua demonstram algumas das múltiplas “maneiras de fazer” que constituem as práticas pelas quais os grupos sociais se apropriam do espaço organizado pelas técnicas da produção sociocultural.⁸² As artimanhas criadas pelos skatistas, que tanto reivindicam quanto não se deixam por essas pistas escravizar,

demonstram que muitos deles tanto escapam ao controle e à disciplina quanto, também, transitam pelo campo onde esses são exercidos.

Se é certo que as operações deste “poder esportivo”⁸³ proliferaram-se pela trama social, cuidando dos “detalhes” do cotidiano e assim organizando a corporalidade, podemos perceber, por outro lado, que tal *poder* não ficou imune à criatividade e à pluralidade das táticas de invenção espacial dos skatistas. Como afirmou um deles, entrevistado pela *Folha de São Paulo* em meados da década de 1980, “Nós vivemos na cidade grande. Por isso, o pessoal do skate tenta tirar o que pode desse concreto todo que fica a nossa volta”.⁸⁴

Ao passo que são capturados, os skatistas não deixaram de ultrapassar os limites fixos das pistas e continuam inventar outros espaços na cidade. Aproveitando os quebra-molas, as muretas e escadarias, acabam por combinar esses espaços com aqueles das pistas. Junto aos pontos instituídos, não desistem de tecer as *heterotopias*.

Notas

* Doutor em História pela PUC-SP. Professor da Universidade Regional de Blumenau (FURB). E-mail: brandaoleonardo@uol.com.br

1 Revista *Skatin'*, n. 3, 1988, p. 28.

2 FORTES, Rafael. Os anos 80, a juventude e os esportes radicais. In: PRIORE, Mary Del; MELO, Victor Andrade de (orgs). *História do esporte no Brasil: do Império aos dias atuais*. São Paulo: Editora UNESP, 2009, p. 438.

3 www.nsga.or. Acesso em 03/06/2009.

4 Segundo pesquisas realizadas pelo Instituto Datafolha, no ano de 2010 foi constatada a existência de mais de 3.860.000 (três milhões e oitocentos e sessenta mil) skatistas no país. Comparativamente, um número equivalente à população total do vizinho Uruguai, ou das distantes República da Irlanda ou Nova Zelândia. O crescimento no número de praticantes, com relação à última pesquisa, realizada em 2006, chega à quase 20%. In: Revista *100% Skate*, n° 146, maio de 2010, p. 44.

⁵ Revista *Radical Skater: a alma do skate*. São Paulo: Editora Minuano, Ano 1, nº 1, 2009, p. 60.

⁶ CHAVES, Cesar. Anos 70. In: BRITTO, Eduardo (org.). *A Onda Dura: 3 décadas de skate no Brasil*. São Paulo: Parada Inglesa, 2001, p. 13.

⁷ BRANDÃO, Leonardo. O surfe de asfalto: a década de 1970 e os momentos iniciais da prática do skate no Brasil. In: BRANDÃO, Leonardo; HONORATO, Tony (org.). *Skate & Skatistas: questões contemporâneas*. Londrina: UEL, 2012, p. 37.

⁸ GONÇALVES, Cecília Moisés. Eu não era feliz e sabia. In: BRITTO, Eduardo (org.). *A Onda Dura: 3 décadas de skate no Brasil*. São Paulo: Parada Inglesa, 2001, p. 94.

⁹ Vale lembrar que o programa *Vitória*, segundo pesquisas do *Ibope*, era visto por um a cada dez pessoas que assistiam TV na cidade de São Paulo no domingo à tarde. BRANDÃO, Leonardo. *Por uma história dos “esportes californianos” no Brasil: o caso da juventude skatista (1970 – 1990)*. Tese (Doutorado em História). Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 2012, p. 157.

¹⁰ PORTER, Roy. História do corpo. In: BURKE, Peter (org.). *A escrita da história: novas perspectivas*. São Paulo: Editora da UNESP, 1992, p. 312.

¹¹ Revista *Veja*, 02/12/1987, p. 92.

¹² Revista *Yeah!*, nº 2, 1986.

¹³ Revista *Overall*, nº 2, 1986.

¹⁴ Intitula-se *half-pipe* as pistas de skate que apresentam o formato de uma grande letra “U”, no qual o skatista pode realizar aéreos em função das rampas existentes, as quais possuem, em média, 4 metros de altura.

¹⁵ Como as pistas as pistas de *bowl* ou *banks*.

¹⁶ Revista *Yeah!*, n. 2, 1986, p. 37.

¹⁷ Revista *Overall*, n. 4, 1986, p. 16.

¹⁸ Sobre a associação do skate com o termo “esporte radical”, ver: BRANDÃO, Leonardo. *Por uma história dos “esportes californianos” no Brasil: o caso da juventude skatista (1970 – 1990)*. Tese (Doutorado em História). Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 2012.

¹⁹ Revista *Yeah!*, n. 2, 1986, p. 23.

²⁰ VIGARELLO, Georges. O tempo do desporto. In: CORBIN, Alain (org.). *História dos tempos livres: o advento do lazer*. Lisboa: Teorema, 2001, p. 231.

²¹ BRANDÃO, Leonardo. *A cidade e a tribo skatista: juventude, cotidiano e práticas corporais na história cultural*. Dourados: Ed. UFGD, 2011, p. 110.

²² GONÇALVES, Cecília Moisés. *Op. Cit.*, p. 92.

²³ Idem, p. 95.

²⁴ Devemos a utilização do termo a Alain Corbin. CORBIN, Alain. A história dos tempos livres. In: CORBIN, Alain (org.). *História dos tempos livres: o advento do lazer*. Lisboa: Teorema, 2001, p. 14.

²⁵ JUNIOR, Paulo Cezar. O Parque do Ibirapuera e o lazer na cidade de São Paulo: da descrição à apropriação. In: *Revista Rua*. Campinas, n. 17, vol. 2, 2011, p. 149.

²⁶ Depoimento do skatista Márcio Tanabe em 16/10/2009 (Arquivo do autor).

²⁷ Revista *Yeahl*, n. 4, 1986, p. 12.

²⁸ Depoimento de Paulo Anshowinhas em 16/10/2009 (Arquivo do autor).

²⁹ Revista *Yeahl*, n. 11, 1988, p. 31. (essa revista foi publicada em janeiro de 1988, mas a reportagem, como ela deixava claro, fora produzida no final de 1987).

³⁰ Revista *Skatin'*, n. 3, 1988, p. 32.

³¹ No início, a proibição era aos finais de semana. No entanto, segundo relatos dos skatistas, a guarda metropolitana os coibia em quaisquer dias que fossem ao Parque “andar de skate”.

³² *Folha de São Paulo*, 24 de junho de 1988.

³³ Abaixo da foto, encontrava-se a frase: “Cerca de 200 jovens participaram ontem de uma passeata sobre skate desde a estação Paraíso do metrô até o gabinete de Jânio Quadros, no Ibirapuera, em protesto contra a decisão do prefeito, tomada em maio, de proibir a prática do skate no parque”.

³⁴ *Folha de São Paulo* (Caderno: Cidades: Educação e Ciência), 24 de junho de 1988, A – 12.

³⁵ Revista *Skatin'*, n. 1, 1988, p. 21.

³⁶ Revista *Skatin'*, n. 3, 1988, p. 32.

³⁷ Revista *Overall*, n. 10, 1988, p. 68.

³⁸ *Folha de São Paulo* (Caderno: Cidades: Educação e Ciência): Esportes, 25 de junho de 1988, A – 16.

³⁹ Revista *Skatin'*, n. 3, 1988, p. 32.

⁴⁰ Revista *Skatin'*, n. 3, 1988, p. 32.

⁴¹ Revista *ComporcentoSKATE*, n. 150, 2010, p. 71.

⁴² Wilson “Neguinho” chegou a se profissionalizar na prática do skate de rua, vencendo diversos campeonatos realizados em quadras fechadas e com a presença de rampas e trilhos que simulavam os aparelhos urbanos encontrados pelos skatistas nas cidades. Um dos pontos altos de sua carreira foi sua entrevista publicada na revista *Skatin'*, onde ele avaliava sua trajetória e, numa de suas respostas, dizia que ia para os campeonatos apenas para se divertir, dando pouca importância para as colocações. Revista *Skatin'*, n. 10, 1990, p. 23.

⁴³ Em entrevista realizada no dia 02/12/2011 (Arquivo do autor).

⁴⁴ Em entrevista realizada no dia 19/12/2011 (Arquivo do autor).

⁴⁵ Revista *Overall*, n. 10, 1988, p. 65.

⁴⁶ Revista *Overall*, n. 9, 1988, p. 68.

⁴⁷ Revista *Skatin'*, n.2, 1988, p. 24.

⁴⁸ Entrevista com Paulo Anshowinhas em 03/02/2012 (Arquivo do autor).

⁴⁹ “Para advogado, proibição de skate na rua é ilegal”, *Folha de São Paulo* (Caderno: Cidades: Educação e Ciência), 26 de junho de 1988, A – 26.

⁵⁰ Utilizamos a noção de heterotopia tal como a formulou o filósofo Michel Foucault, que seria a criação de outros espaços sobre os já instituídos. Neste sentido, fazer de um corredor um obstáculo e não um instrumento de ajuda para apoiar o corpo, usar escadas para saltos com skates e não como um auxílio para se passar de um nível ao outro do pavimento são exemplos concretos e localizáveis de heterotopias. Para uma maior discussão sobre o termo, ver: FOUCAULT, Michel. Outros espaços. In *Ditos e Escritos* (volume III). Estética:

literatura e pintura, música e cinema. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2009.

⁵¹ Idem, A – 26.

⁵² *Folha de São Paulo* (manchete de capa), 26 de junho de 1988.

⁵³ Sergei Ventura e Christian Hosoi.

⁵⁴ Entrevista com Alexandre Ribeiro em 26/02/2012 (Arquivo do autor).

⁵⁵ Título de uma reportagem publicada no *Jornal da Tarde*, edição de 16 de julho de 1990.

⁵⁶ De acordo com a reportagem da revista *Veja*, 23 de novembro de 1988, p. 31.

⁵⁷ Revista *Veja*, 23 de novembro de 1988, p. 34.

⁵⁸ Idem, p. 39.

⁵⁹ *Ibidem*, p. 29.

⁶⁰ *Ibidem*, p. 34.

⁶¹ *Ibidem*, p. 33.

⁶² *Ibidem*, p. 38.

⁶³ *Jornal da Tarde*, edição de 16 de julho de 1990, p. 20.

⁶⁴ Arquivo pessoal de Paulo Anshowinhas.

⁶⁵ PATARRA, Ivo. *O governo Luíza Erundina: cronologia de quatro anos de administração do PT na cidade de São Paulo, de 1989 a 1992*. São Paulo: Geração Editorial, 1996, p. 27.

⁶⁶ Idem, p. 38.

⁶⁷ *Jornal Folha da Tarde*, 16/07/1990.

⁶⁸ Idem, p. 38.

⁶⁹ PATARRA, Ivo. *Op. Cit.*, p. 29.

⁷⁰ Revista *CemporcentoSKATE*, n. 3, 1995, p. 21.

⁷¹ Idem, p. 21.

⁷² <http://cemporcentoskate.uol.com.br/fiksperto.php?id=4013>. Acesso em 26/03/2012.

⁷³ MACHADO, Giancarlo Marques Carraro. Dilemas em torno da prática do *street skate* em São Paulo. In: *Esporte e Sociedade*, ano 7, n. 19, março de 2012, p. 04.

⁷⁴ SANT'ANNA, Denise Bernuzzi de. *O prazer justificado: história e lazer* (São Paulo, 1969/1979). São Paulo: Editora Marco Zero, 1994, p. 11.

⁷⁵ SANT'ANNA, Denise Bernuzzi de. Corpo e História. In: *Cadernos de Subjetividade: Núcleo de Estudos e Pesquisas da Subjetividade: Programa de Estudos Pós-Graduados em Psicologia Clínica da PUC-SP*. São Paulo, volume 3, 1995, p. 89.

⁷⁶ DELEUZE, Gilles. *Conversações*. São Paulo: Ed. 34, 1992, p. 215.

⁷⁷ MACHADO, Giancarlo. *Op. Cit.*, p. 08.

⁷⁸ MAFFESOLI, Michel. *Sobre o nomadismo: vagabundagens pós-modernas*. Rio de Janeiro: Record, 2001, p. 24.

⁷⁹ FOUCAULT, Michel. *Microfísica do poder*. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1979, p. 08.

⁸⁰ CARRANO, Paulo César Rodrigues. *Os jovens e a cidade: identidades e práticas culturais em Angra de tantos reis e rainhas*. Rio de Janeiro: Relume Dumará: FAPERJ, 2002, p. 124.

⁸¹ OLIC, Maurício Bacic. “De quebrada para quebrada”: por uma nova cartografia dos skatistas na metrópole. *In: Ponte Urbe: Revista do Núcleo de Antropologia Urbana da USP*. Ano 2, n. 3, julho de 2008, s/p. Disponível em: <http://n-a-u.org/pontourbe03/Bacic.html>. Acesso em 11/02/2012.

⁸² A inspiração principal para abordarmos essas “formas de fazer” que superam a vigilância vem da leitura do livro do historiador Michel de Certeau. CERTEAU, Michel. *A invenção do cotidiano: artes de fazer*. Petrópolis: Vozes, 2011.

⁸³ A noção de “poder esportivo” encontra-se desenvolvida em: BRANDÃO, Leonardo. *Por uma história dos “esportes californianos” no Brasil: o caso da juventude skatista (1970 – 1990)*. Tese (Doutorado em História). Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 2012.

⁸⁴ *Jornal Folha de São Paulo*, Educação e Ciência: Esportes, 16 de agosto de 1986, p. 12.

Data de envio: 25/03/2014.

Data de aceite: 07/04/2014.